SURDOS notícias

#06 | MAR/2011 | TRIMESTRAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA
SURDOSnotícias

WWW
fpas.org.pt

2 **EDITORIAL**
Palavras do Director e Subdirector

3 **JUVENTUDE SURDA**
Onde estão os Jovens Surdos?

4 **ALUNOS SURDOS NO ENSINO SUPERIOR**
Mostrar o que não se vê: História da Língua Gestual Portuguesa

5 **EDUCAÇÃO DOS SURDOS**
Linguagem e Surdez

6 **EMPRESAS DE TRADUÇÃO E INTERPRETAÇÃO EM LGP**
Entrevista a Ana Bela Baltazar

8 **LÍNGUA GESTUAL PORTUGUESA**
Bilinguismo (conotado com as Pessoas Surdas)

9 **DESPORTO**
Calendário de Eventos Desportivos

10 **ACTIVIDADES**
Promoção do espírito de convívio

12 **CULTURA E CIDADANIA**
Dois temas "confusos" na construção de um mundo melhor

13 **ACESSIBILIDADE E TECNOLOGIA**
Que a Inclusão Museológica seja uma realidade

14 **PÁGINA DO INTÉRPRETE**
Ser filha de Surdos: Uma aventura, um privilégio

17 **LEGISLAÇÃO**
Uma Pessoa, um Cidadão

18 **LEGISLAÇÃO**
Internacional e Nacional publicada entre Novembro e Janeiro

19 **PASSATEMPOS**
Espaço Lúdico

Trabalhos da autoria da Prof.ª Fernanda Adão

EDITORIAL

FICHA TÉCNICA

Director
António Rodrigues

Subdirector
David Fonseca

Composição e Impressão
Multitema

Edição e Propriedade de
Federação Portuguesa das Associações de Surdos

Com o apoio de
Instituto Nacional para a Reabilitação, I.P.

O Director,
António Rodrigues

Caros Leitores do "Surdos Notícias",

Gostaria de aproveitar esta oportunidade para divulgar que, desde o passado dia 20 de Fevereiro, a FPAS já tem a funcionar o seu novo site que podem consultar no link: *http://www.fpasurdos.pt*

O Instituto Nacional para a Reabilitação, I.P., é uma das principais entidades parceiras da FPAS e, tal como em outros projectos, também neste se revelou fundamental para a sua concretização, tendo aprovado e apoiado o mesmo.

Quero ainda salientar que esta iniciativa foi fruto do empenho e dedicação de várias pessoas, às quais a FPAS quer desde já agradecer, sobretudo à Vogal Joana Cottim que é a pessoa responsável por este projecto.

A FPAS quer que este novo site seja uma ferramenta de informação e de comunicação indispensável para toda a Comunidade Surda e para a População em geral, incluindo conteúdos e informação importante e constantemente actualizada. Para isso, contamos também com a vossa colaboração e, como tal, estamos disponíveis para receber informações que achem importantes.

Um outro projecto que a FPAS considera de relevo é a candidatura para a organização do XVII Congresso Mundial da FMS (WFD 2015), que a FPAS espera que seja oficialmente aceite para ser considerada para votação no Congresso Mundial a realizar este ano em Durban, África do Sul. A Comissão tem trabalhado neste sentido e já entregou a respectiva candidatura, tendo cumprido com os prazos da FMS. Assim, a FPAS faz votos que este projecto se possa concretizar com êxito, já que seria um passo extremamente importante para a Comunidade Surda Portuguesa.

Em último lugar, queremos destacar que na secção da Informação Especial (página 9) do último número do "Surdos Notícias" existiu um erro de impressão e onde se lia "SURDO" deveria estar "SURDOTV". Por isto, gostaríamos de apresentar publicamente as nossas mais sinceras desculpas à Equipa da SurdoTV.

A Equipa do "Surdos Notícias" espera que este número seja do vosso agrado e que possamos continuar a desenvolver este projecto com a vossa colaboração.

O Subdirector,
Eng. David Fonseca

O Ser Humano foi criado para viver em relação com os outros. Na Antiga Grécia, Aristóteles lembrava: o Homem é um animal social. De facto desde os longos tempos da sociedade tribal até às sociedades actuais, foi-se acentuando a interdependência dos indivíduos. Cada um de nós, em cada dia, desde que se levanta até que se deita, beneficiou do trabalho de uma imensidão difícil de contar de pessoas, a maior parte das quais nem sequer viu.

"A única cura infalível para o desemprego entre jovens, porém, é um crescimento económico forte e sustentado, que gere tanta demanda por mão-de-obra que os empregadores não tenham escolha a não ser contratar os jovens." Do artigo: "Desemprego de jovens se torna epidemia mundial." Do articulista Peter Coy, Bloomberg Businessweek.

A saída para o desemprego entre os jovens num "crescimento económico forte e sustentado", é uma ilusão no momento actual do capitalismo. Mesmo no transcorrer de seu artigo, onde constata que o desemprego é um fenómeno mundial que atinge brutalmente os jovens, ao comentar várias experiências e estudos de especialistas mostra o quanto é difícil à solução, quando se pensa em opções dentro dos limites do capitalismo. É precisa ficar claro que a derrubada de Mubarak, mesmo que haja eleições livres e limpas, ainda uma dúvida, não significa nenhuma "ruptura com o continuum da história" (Walter Benjamin). As formas de dominação e sofrimentos poderão perpetuar-se e dificilmente haverá solução para o desemprego, cuja tendência é acentuar-se com a crescente automação da produção. A rebelião, porém, consolidando-se como movimento de resistência ao que estar aí, tem importante papel ao tirar debaixo do tapete, forçando uma pauta, questões que incomodam os gestores da crise do capitalismo.

ONDE ESTÃO OS JOVENS SURDOS?

Dr.ª Joana Cottim

Com tantos jovens em Portugal, procuro pelas gerações mais novas no interior das Associações, dos Centros de Convívios de Surdos mas... só os encontro nas escolas, nos espaços desportivos e pergunto-lhes: Porque não na Associação? Simplesmente me dizem: Estou bem assim... Associação... Não preciso!

A energia jovial espalhada pelo nosso país está "adormecida" e embrenhada no seu futuro e na sua construção pessoal e individual. Raramente se vê no seio dos espaços associativos esta faixa etária mais nova que, sem dúvida, são o futuro da nossa comunidade. A Sociedade, segundo afirmam, oferece-lhes condições razoáveis para a sua sobrevivência – sentem-se bem em jogar uma partida de futebol, ir ao cinema, ir à discoteca, conhecer novos horizontes e sentir experiências diversificadas e ilimitadas. A aposta neles, dentro do seio associativo vê-se cada vez menos concebida devido à "fraca" influência dos próprios activistas e à falta de orientação dos jovens para a defesa dos Surdos enquanto membros de uma comunidade minoritária.

Sendo os Surdos uma população que vive "à margem" da Sociedade, sente a necessidade de se afirmar enquanto cidadãos e essa prática está relacionada da razão do Movimento Associativo. Se deixarem de existir jovens no seu interior, com o passar do tempo, as Associações deixam de ter razão de existir e de poder servir os interesses da Pessoa Surda. Há muitos jovens espalhados por Portugal que, formados e com nível cultural e social cada vez mais desenvolvido e actual, se encontram "presos" às suas ideias, à sua visão e perspectiva social, guardam para si as aprendizagens e o conhecimento. Que papel têm os profissionais Surdos que, além de trabalharem nas Escolas, são voluntários activos na Associação, se contituem modelos de construção identitária, cultural e transmissores de valores e cidadania? Esses profissionais, (in)conscientes da sua condição minoritária a nível social, deveríam ser os principais activistas e "líderes" condutores pois a sua influência é a construção para a personalidade e afirmação dos jovens enquanto SURDOS.

É necessário criar pontes, influênciar os Jovens, a Família e, estratégicamente, consolidar caminhos para enderessar os Jovens para o Movimento Associativo.

Outro problema que também poderá estar na base da "invisibilidade" dos jovens é o desvio/falta de informação dos próprios líderes e activistas. Vivendo nós num mundo onde a tecnologia avança a olhos vistos, a internet entra no ranking das visitas diárias, as informações são sempre "as mesmas": Cursos de Formação, Cursos de Língua Gestual, Aniversário; as práticas são sempre anuais e repetitivas: Festa de Carnaval, Ano Novo,

Festas Populares, havendo a falta de inovação e de ideias diferentes: Encontro Nacional, Formação Nacional, Festival Nacional. Além disso, porquê impedir os Jovens de participar, conhecer e desejar sentir esta experiência que só lhes trará benefício e, futuramente, ferramentas para melhorar a sua contribuição a nível associativo. A informação não passa só pela visualização no ecrã do computador, também passa pela presença, pelo contacto directo, pelo "toque".

A "velha guarda" alcança os objectivos para uma qualidade de vida melhor para os Surdos, continua activa mas é importante perceber que, na Vida, tudo tem um princípio, meio e fim e o tempo não pára. Temos de aceitar que nem sempre existimos e temos a mesma força pelo que é crucial desenvolver. As referências e o modelo de práticas correctas servem para que os jovens aprendam e a contribuam para a inovação porque, apesar de não ter experiência, é importante inovar o sentido de organização, orientação, formação, liderança dando uma lufada de "ar fresco". Sou Jovem, Voluntária na FPAS, na ASPorto e tento ao máximo estar presente, construir propostas, novos trabalhos, alargar horizontes mas confesso que muitas são as vezes que me "afasto" pela limitação e choque de interesses e de ideias. Admiro-me de pessoas que, durante a sua vida, deram TUDO por TUDO pelo Movimento Associativo, fizeram e construiram caminhos para que chegassemos até onde chegamos e, confesso que, tanto para mim como para muitos jovens, estes feitos são coisas memoráveis que servem de reflexão das práticas.

As instituições precisam de mudar: mudam-se as pessoas, mudam-se as práticas mas sempre com o respeito, consulta e parecer daqueles que sempre nos vangloriaram.

MOSTRAR O QUE NÃO SE VÊ:
HISTÓRIA DA LÍNGUA GESTUAL PORTUGUESA

Doutora Isabel Sofia Calvário Correia
Escola Superior de Educação de Coimbra

Estudar a História de uma Língua é algo que hoje está a voltar a ser encarado como fundamental, pois contribui decisivamente para que se compreendam melhor fenómenos sincrónicos dos idiomas, como a variação dialectal e aspectos sociolinguísticos, nomeadamente características de alguns falares regionais, motivadas por factores históricos e diversas formas de tratamento cujo significado contextual se pode entender melhor à luz da evolução cultural e linguística. Para além disso, diversos traços lexicais, fonológicos e até ortográficos da nossa língua se devem a ocorrências históricas, como, por exemplo, épocas em que o nosso idioma se delineava na escrita recorrendo a empréstimos de outras línguas, necessários para a construção do português. Muitas das mudanças que hoje vemos só se entendem claramente se tivermos em conta o nosso passado linguístico. Perceber a história de uma língua é, pois, compreender a nossa identidade e preservar aquilo que fomos e que hoje nos faz continuar a ser.

Observar uma língua na sua diacronia é mais do que memorizar ou traçar percursos de evolução de palavras. Trata-se de estudar várias influências de diversos povos, logo de múltiplos idiomas, recorrendo ao que os testemunhos escritos que tiveram a fortuna de chegar aos nossos dias nos dizem. Como é evidente, sendo a língua portuguesa um idioma de modalidade oral, apenas podemos formular hipóteses, nem sempre seguras, com base nos pergaminhos e grossos livros em papel que desde tempos medievais conservaram textos escritos. Todavia, é possível perscrutar o que teria sido o português de tempos idos e vislumbrar as mudanças que o foram, e vão, transformando. Nos nossos dias, é fulcral registar em áudio variedades dialectais, falares regionais e outras ocorrências para que no futuro se possa ainda ver e ouvir a História da Língua Portuguesa.

Qual é a história da Língua Gestual Portuguesa? Não é resposta suficiente a esta questão as suas relações com a Língua Gestual Sueca, nem o seu processo de implementação e ensino no nosso país, já desde tempos recuados. Naturalmente que os dados que possuímos são importantes e têm já registo em publicações nacionais dedicadas à história dos Surdos em Portugal. Porém, a meu ver, a LGP carece de um estudo linguístico diacrónico sistemático. Claro que esta investigação é ainda mais complexa do que aquela que se prende com a Língua Portuguesa. Conforme afirmei nos parágrafos precedentes, do Português ficou-nos o suporte escrito, mas da Língua Gestual Portuguesa de tempos passados resta-nos adivinhar o que informações esparsas e indirectas presentes em textos antigos nos dizem. Todavia, há um registo que se poderia levar a cabo e que contribuiria, a meu ver, para um grande avanço no que respeita a compreensão da evolução lexical, querológica e morfológica da LGP.

No meu dia a dia, tendo o privilégio de trabalhar com uma intérprete CODA (Children of Deaf Adults), noto diversas vezes que algumas palavras que gestua causam estranheza em alguns alunos Surdos, sobretudo os mais jovens, mas são comuns nos diálogos que a intérprete mantém com os pais. É também assinalável o facto de outros alunos Surdos, sobretudo de regiões mais a norte, usarem alguns dos gestos que a intérprete reconhece como familiares porque também os usa e vê usar em casa. Ainda que na ESEC haja uma ampla variedade etária e dialectal de alunos Surdos, aquilo que eu observo é apenas uma pequena amostra. Por isso, quantos mais gestos, utilizados por pessoas mais velhas, não se conhecem, e, pior ainda, deixarão de ver para sempre?

A meu ver, é urgente registar em vídeo as imensas formas de representar um mesmo conceito que manifestam a riqueza da LGP. Contudo, suponho, não devemos apenas fixar as variedades dialectais, já bastantes, descurando a História da Língua. Conforme se passa em relação ao Português, só compreendendo fenómenos da evolução e mudança do idioma, se pode perceber o seu uso actual. Assim, cumpre dar espaço aos mais velhos utilizadores da LGP e gravar o seu discurso gestual para que se possa, ainda que numa diacronia mais restrita, tecer hipóteses sobre a génese dos gestos, a sua caracterização querológica, o seu maior ou menor uso e os factores que os podem ter levado a ser preteridos por outros. Com certeza que conhecendo estes gestos mais antigos se poderá ter uma ideia mais precisa das várias variedades regionais e compreender que estádios de língua estas ainda representam, podendo, quem sabe, comparando as faixas etárias dos utilizadores, perceber quais são as variedades mais conservadoras e, se possível, verificar se o maior conservadorismo linguístico, ou a maior inovação, se relacionam com factores regionais ou sociais.

Sendo a LGP um veículo da identidade dos seus utilizadores, um idioma que muitos mais do que usar, dizem sentir, parece-me fundamental que se preserve a História desta Língua. Considero que todos os alunos de LGP, sobretudo aqueles que aprendem este idioma como primeira língua, deveriam ter acesso aos gestos dos seus avós e bisavós, hoje e no futuro, para que se veja uma língua em plenitude. Este trabalho está nas mãos daqueles que vêem, mas essencialmente, daqueles que usam e respeitam a Língua Gestual Portuguesa. Creio, assim, que chegou o tempo mais do que merecido de dar lugar aos mais velhos pois eles têm para nos ensinar aquilo que mais ninguém possui e só com eles se poderá um dia fazer História da Língua Gestual Portuguesa ▪

LINGUAGEM E SURDEZ

Mestre Daniela Nascimento
Docente na Universidade Portucalense

No mundo em que vivemos, a comunicação, considerada *como uma condição sine quo non da vida humana e da ordem social* (Watzlawick, Beavin e Jackson, 1993:7), reveste-se de uma importância fulcral para todos os indivíduos, e o seu estudo implicada percepcioná-la, simultaneamente, como um processo biológico, psicológico e, de uma forma mais abrangente, social.

Biológico, pois estamos pré-programados para comunicar, isto é, *"chegamos todos ao mundo com a estrutura geneticamente preparada para a comunicação(…)"* (Guix, 2008:19). Esse processo comunicacional é muito complexo, e envolve uma rede de neurónios distribuída por várias regiões cerebrais.

Psicológico porque, enquanto seres emocionais, necessitamos de concretizar as nossas emoções, verbal e não verbalmente e, enquanto seres racionais, precisamos de receber e partilhar memórias, aprendizagens, conhecimento.

Social porque somos seres relacionais, que necessitam de estabelecer contacto com os demais, transmitindo mensagens, valores, crenças e atitudes, o que implica que a pessoa adquira uma compreensão partilhada de sons específicos, palavras, sinais e gestos.

Todas estas dimensões, intrinsecamente relacionadas, podem ser observadas e analisadas através da forma como percepcionamos tudo o que nos rodeia, como nos comportamos e relacionamos, enfim, como comunicamos.

De todas as formas de comunicação usadas pelo ser humano, a comunicação verbal é a mais complexa e estruturada, e o mais complexo dos códigos que a apoia é a linguagem. Segundo Sim-Sim (1998), a linguagem deve ser percepcionada como um sistema complexo e dinâmico de símbolos convencionados que transmitem significado devido a regras gramaticais e semânticas partilhadas.

Partilhando o ponto de vista da autora de que a linguagem é uma ferramenta fundamental para o desenvolvimento cognitivo, afectivo-emocional e sócio-ambiental da criança, urge perceber como decorre este processo de aquisição e desenvolvimento, e para o qual contribuem, de forma determinante, os meios de socialização do indivíduo, sobretudo a família e a escola.

A compreensão desse processo assume, no nosso ponto de vista, uma maior relevância quando reflectimos sobre o facto das alterações da linguagem serem dos mais frequentes problemas desenvolvimentais das crianças, e, de entre as quais, destacamos as que têm dificuldades auditivas ou surdez.

Para conseguir descrever e explicar esse processo, é importante distinguir, entre outros factores, a idade em que a deficiência surge, isto é, se surge antes – pré-linguística – ou após a aquisição da linguagem – pós-linguística.

Na fase pré-linguística ocorrem, normalmente, importantes avanços relevantes para a aquisição da linguagem ao nível da percepção e da produção da fala e da comunicação e, por isso, quando a surdez é de nascença ou a perda auditiva ocorreu antes da aprendizagem da fala, o comprometimento é, normalmente, significativamente superior à surdez pós-linguística.

Oacks (201) salienta que, na surdez congénita (de nascença) ou pré-linguística, a aparente ausência de som 1, pode potenciar atrasos ou défices significativos na aquisição da linguagem, sobretudo quando não se adoptam, desde muito cedo, medidas eficazes. E, de acordo com o mesmo autor, "(…) para o ser humano a deficiência linguística é uma calamidade, pois só a linguagem nos permite a total integração na nossa condição e cultura humanas (…) (Oacks, 2011:26).

Tendo como objectivo primordial a total integração do sujeito na "condição e cultura humanas" (ibidem), urge implementar medidas diversificadas nos diferentes contextos educativos, procurando promover um percurso educativo de sucesso e uma integração plena do deficiente auditivo ou surdo nos diversos contextos de vida, o que implica, entre outras estratégias, a sensibilização para o recurso precoce à Língua Gestual Portuguesa (L.G.P.) como ferramenta educativa e de acesso ao conhecimento sobre o mundo.

De acordo com Sim-Sim (1998), a língua é um sistema adquirido de forma natural e espontânea e que possibilita a identificação de um indivíduo com uma comunidade e que possui como principais traços a) ser complexa e capaz de exprimir ideias; b) ser passível de evolução; c) ser constituída por unidades discretas que obedecem a um conjunto de regras; d) possibilita a expressão do passado, do presente, da negação e da formulação de ordens e e) a existência de uma relação de arbitrariedade entre sons e seus significados.

Ao aludir às palavras de Desloges, primeiro autor surdo a publicar uma obra, consideramos ser possível demonstrar que, para além da L.G.P. partilhar esse conjunto de traços universais, assume um papel preponderante na construção da identidade da comunidade surda:

"a língua gestual é singularmente apropriada para tornar as nossas ideias exactas e para aumentar a nossa compreensão (…) é uma língua viva; retrata o sentimento e desenvolve a imaginação. Nenhuma outra língua é mais apropriada para transmitir emoções grandes e fortes" (Desloges, 1779; cit por Lane, 1984:32).

1 – Oaks considera que os surdos profundos podem ouvir diferentes ruídos e serem sensíveis a vários tipos de vibrações, pelo que falar em ausência de som pode ser erróneo. ▪

Bibliografia

Guix, X. (2008). *Nem eu me explico nem tu me entendes. Um guia para se orientar nos labirintos da comunicação.* Lisboa: Lua de Papel
Lane, H. (1984). The deaf experience: classics in language and education. Trad. Franklin Philip. Cambridge, Mass e Londres: Harvard University Press.
Sacks, O. (2011. *Vejo uma Voz: uma viagem ao mundo dos surdos.* Lisboa: Relógio de Água
Sim-Sim, I. (1998). ----------
Watzlawick, P. & Beavin Helmick & JJackson, D. (1993). *Pragmática da comunicação humana: um estudo dos padrões, patologias e paradoxos da interação humana.* São Paulo: Cultrix

ENTREVISTA A

ANA BELA BALTAZAR

PRESIDENTE DO CENTRO DE TRADUTORES E INTÉRPRETES DE LGP E SÓCIA-GERENTE DO CTILG - SERVIÇOS DE TRADUÇÃO E INTERPRETAÇÃO DE LGP, LDA.

António Rodrigues

Iniciando esta secção neste 6º número e continuando nos próximos, a FPAS irá falar sobre algumas das Empresas que desenvolvem a sua actividade na área da Interpretação em Língua Gestual Portuguesa. Com isto pretendemos destacar o trabalho realizado por estas entidades e pelos Profissionais que aí trabalham.

O Centro de Tradutores e Intérpretes de LGP, surge à quase dez anos, com o intuito de defender e promover a profissão de Intérprete de LGP.

Apesar de não se preocupar com a realização de vistosas realizações e promover fortes campanhas de angariação de associados, conta com um trabalho digno de acordo com os seus objectivos, sempre ao lado dos Surdos e em particular das duas Associações mais representativas a Norte do País; a Associação de Surdos do Porto (ASP) e a Associação de Formadores de LGP (AFOMOS), com as quais tem vindo anualmente a desenvolver diversas actividades, essencialmente de carácter formativo, onde Intérpretes e Formadores se encontram e desenvolvem competências.

Não nos encontramos de costas voltadas para novas apostas ou desafios, desde que esses não interfiram com o papel das próprias Associações de Surdos. Como diz o ditado: "cada macaco no seu galho".

Ana Bela Baltazar, intérprete de Língua Gestual Portuguesa desde a década de 90 e Psicóloga Clínica lança em finais do pretérito mês de Setembro o Dicionário de Língua Gestual Portuguesa, da Porto Editora.

Neste momento passa grande parte do seu tempo a realizar divulgações da obra um pouco por todo o País, junto da comunidade Surda e ouvinte.

Empresas de Tradução e Interpretação em LGP

Quer fazer-nos uma breve apresentação da obra?
Trata-se de uma obra com mais de 5200 entradas com instruções para a execução dos gestos, possui cerca de 15 000 imagens ilustrativas. Está organizada de forma acessível e clara, com anexos onde constam as principais configurações usadas na obra. Possui ainda listagem de todos os vocábulos que sofrem alterações do Acordo Ortográfico, com indicação da nova grafia. Faz-se acompanhar de vídeos de todas as entradas reunidos no DVD.

Como surge este projecto?
Posso dizer que esta ideia surgiu já há algum tempo, e emerge de uma necessidade sentida há muito, aquando da minha passagem pelo ensino. Lá pude percepcionar e consolidar as minhas percepções relativas às dificuldades linguísticas da comunidade surda no que toca à língua portuguesa, e à comunidade escolar no que toca à língua gestual portuguesa.
Foi um projecto, que se iniciou como um sonho que agora se torna finalmente realidade.

Quais os seus objectivos com esta obra?
Esta obra, inicialmente, surge a pensar nos escassos conhecimentos da língua portuguesa da grande maioria da comunidade Surda e nas inerentes dificuldades de interpretação que muitas das vezes resultam em grandes lacunas com repercussões ao nível pessoal, profissionais e social da pessoa Surda. Só com a evolução do trabalho ganhamos a verdadeira consciência da importância desta obra. Não se tratava efectivamente de um mero dicionário de consulta dirigido a uma minoria linguística específica, mas esta obra ganhou gradualmente um peso de carácter social.

De carácter social? Como assim?
Como acabo de referir o nosso objectivo inicial prendia-se apenas com a preocupação de criar uma ferramenta de consulta dirigida aos Surdos, num formato diferente do que já existe. O utilizador desta obra irá encontrar a palavra escrita em português e irá ter acesso à sua explicação em imagens representativas da explicação em LGP. O mesmo sucedendo quando utilizado o DVD, que compila todo o material em suporte de papel, com a vantagem de poder aceder à informação em movimento, com a tridimensionalidade e o movimento a que a LGP obriga, tudo isto com as respectivas explicações pormenorizadas.

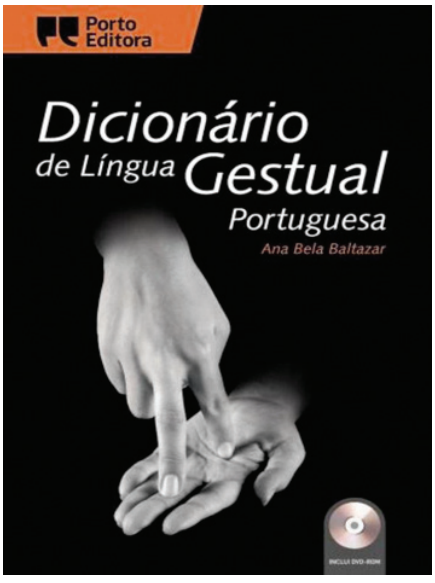
“Apenas o facto de poder já constar nas principais livrarias do País um Dicionário de LINGUA GESTUAL PORTUGUESA é uma grande vitória e um grande orgulho que se deve reflectir em toda a comunidade Surda portuguesa.”

Mas, paralelamente a esta situação, surge a comunidade ouvinte, que pela simplicidade conseguida pela editora, facilmente acederão a todos os conteúdos e sua clara explicitação. Falamos aqui de iniciados, profissionais ou de apenas curiosos pela língua, todos foram cuidadosamente pensados e criadas as melhores condições de acessibilidade e compreensão dos conteúdos.
Por outro lado, toda esta dinâmica que se prende com a apresentação e consecutivas divulgações, quer presenciais quer através dos órgãos de comunicação do nosso País, têm vindo a contribuir para a sensibilização e divulgação da LGP, da surdez, da comunidade Surda e das questões relacionadas com as acessibilidades (ou falta delas).
Apenas o facto de poder já constar nas principais livrarias do País um Dicionário de LINGUA GESTUAL PORTUGUESA é uma grande vitória e um grande orgulho que se deve reflectir em toda a comunidade Surda portuguesa.

“Esta obra, inicialmente, surge a pensar nos escassos conhecimentos da língua portuguesa da grande maioria da comunidade Surda e nas inerentes dificuldades de interpretação que muitas das vezes resultam em grandes lacunas com repercussões ao nível pessoal, profissionais e social da pessoa Surda.”

Foram efectivamente cerca de quatro anos de árduo trabalho, esforço e muito empenho. Sempre em contacto com os mais variados elementos da comunidade Surda, de forma a que a informação fosse a mais plausível, exacta e uniforme possível, reflectindo a realidade de uma língua viva.
Não menos importante para a realização deste Dicionário foi o contributo permanente e laborioso do CODA Fernando Baltazar (Jojo), intérprete de LGP e filho de pais surdos, ou melhor filho da comunidade surda há quase quarenta anos, como o próprio gosta de referir.

Como foram as primeiras reacções ao Dicionário?
Tem sido uma agradável surpresa. No inicio houve grande surpresa, visto que este projecto estava “guardado no segredo dos Deuses” e apenas eu e o Fernando (Jojo) o conhecíamos, não o podendo divulgar antes da data prevista para o seu lançamento.
As palavras de agradecimento, estima e valorização da obra foram muitas, vindas essencialmente por parte dos Surdos e seus familiares.
Tem sido muito gratificante a cada apresentação que realizamos ouvimos mais e mais palavras de congratulação pelo trabalho realizado, fazendo-nos acreditar que efectivamente esta foi uma aposta ganha em prol da comunidade em geral e da Surda em particular. ▪



BILINGUISMO
(CONOTADO COM AS PESSOAS SURDAS) - 3

Armando Baltazar

O **Bilinguismo** no caso das **Pessoas Surdas**, é um caso "sui generis" de bilinguismo, gerido por conceitos específicos, relativos à surdez e à denominada cultura das Comunidades Surdas.

Quando o acesso ao mesmo?

Para a maioria das crianças, a língua oficial do país onde vivem é, simultaneamente, língua materna e língua de escolarização – não o é, no entanto, para os Surdos. Para essa população, a língua de aquisição espontânea e natural terá de ser uma língua gestual.

Há que lembrar, contudo, que a língua de escolarização, em que se aprende a ler, e se estuda, é uma língua oral (no nosso caso, a Língua Portuguesa), o que faz com que a escola precise de ensinar estas crianças a ler e a escrever, isto é, a conhecer o Português escrito.

O uso de uma língua gestual e de uma língua oral torna imperioso que na educação da criança se tenha sempre presente o desenvolvimento de competências que lhe permitam funcionar, eficaz, cómoda e adequadamente nas duas línguas e nas duas comunidades.

A linguagem escrita é uma modalidade linguística de cariz secundário, no entanto, a impossibilidade de ler e escrever numa língua (sem o conhecimento da estrutura gramatical e do vocabulário da língua) é um problema real ao ensino das crianças surdas. Ao contrário do que acontece com as crianças ouvintes, a aprendizagem da leitura e da escrita, por parte dos Surdos, não pode partir da mobilização do conhecimento da língua oral, antes, é através da aprendizagem do vocabulário escrito e pelo ensino explícito da estrutura gramatical da língua oral que a criança surda, quando desconhecedora da língua oral, tem acesso ao conhecimento dessa língua, e assim extrai significado do material escrito – estamos assim diante da aprendizagem de uma segunda língua e não de um uso secundário de uma língua oral.

O grande objectivo do ensino da linguagem escrita é tornar o aluno autónomo na procura e uso de informação, que lhe permita a integração dessa informação na sua vida escolar e social.

É ainda imprescindível a aquisição da língua gestual nos primeiros anos de vida da criança Surda, sob pena de sofrer várias consequências, entre as quais: perderá a oportunidade de usar a linguagem, terá dificuldades em recorrer ao planeamento para a solução de problemas que lhe surjam, não adquirirá independência da situação visual concreta do que vê, dificilmente controlará seu próprio comportamento e o ambiente que o rodeia e raramente terá uma vida social adequada á sua qualidade de Ser Humano que lhe permita o exercer pleno da sua Cidadania.

Pesquisas efectuadas pelo Doutor Leland McCleary, quanto ao sistema de educação bilingue, na maioria dos países, acredita que o campo da educação bilingue sempre foi um campo de batalha ideológica. Por um lado, existem pessoas que apenas aceitam a educação bilingue como um "mal necessário" – e fazem de "bilingue" um termo quase pejorativo. Por outro lado existem pessoas que vêem a educação bilingue como uma ferramenta para cultivar o pluralismo, o respeito às diferenças, a auto-estima de grupos minoritários e o conhecimento cultural e linguísticos essenciais para uma sociedade globalizada.

Na grande maioria dos países, o bilinguismo daqueles que não são proficientes na língua nacional, mas que falam outra língua como materna, é desprezado. Assim sendo, apesar do bilinguismo dos ouvintes ser considerado importante, o bilinguismo dos Surdos não o é, visto que o Surdo não domina a língua nacional como nativo dessa língua.

Assim, ainda existem muitas batalhas a travar, muito trabalho a desenvolver, para que o Conceito de Bilinguismo das Comunidades Surdas seja reconhecido e aceite. ▪

Fontes e referências bibliográficas:

KOZLOWSKY, L. *O modelo bilingue/ bicultural da educação do Surdo.* Distúrbios da Comunicação. São Paulo, 1995.

COELHO, Orquídea. *Perscrutar e Escutar a Surdez.* Portugal

GOLDFIELD, *A Criança Surda – Contributos para a sua educação.* Portugal

BOUVET, D. *La Parole de l'enfant. Paris: Le Fil Rouge, Puf.*, 1989.

McCLEARY, L. Emersons. *Bilinguismo para Surdos: Brega ou chique?*

Surdolímpicos de Inverno Cancelados

Pela primeira vez na história do ICSD, desde a 2ª Guerra Mundial, é cancelada uma edição de Surdolímpicos - o ICSD confirmou que os 17ºs Surdolímpicos de Inverno já não se iriam realizar ao final do dia de 11 de Fevereiro. O 43º Congresso do ICSD será realizado numa data posterior.

"Após chegar a Vysoké Tatry (...), fomos ficando cada vez mais preocupados com a falta de preparação e ausência dos principais organizadores", comentou a Chefe Executiva do ICSD Tiffany Granfors. "Foram dadas garantias repetidas (...) do Comité de Organização (...). Mas essas garantias não se concretizaram com o que foi observado no terrano."

Ainda nessa tarde, os principais locais do evento cancelaram os contratos por ainda não terem sido pagos pelo Comité de Organização. Este assumiu posteriormente a responsabilidade total pelo fracasso, com seu presidente, Jaromir Ruda, referindo a sua incapacidade de garantir o financiamento necessário e há muito prometido.

Fonte: http://www.ciss.org/news/pressreleases.asp?ID=1544

IV Campeonato Nacional de Futsal da LPDS

Vai ter início o IV Campeonato Nacional de Futsal da LPDS (Masculinos e Femininos) no dia 26 de Março de 2011.

As inscrições para equipas encontram-se abertas até 5 de Março.

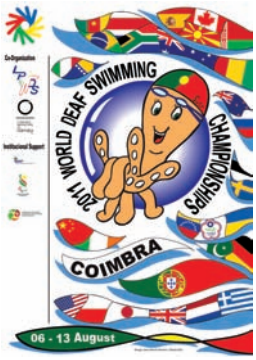
Acompanhe o grupo específico no Facebook da Secção de Futsal da LPDS em: http://www.facebook.com/people/#!/home.php?sk=group_169128376454691

Torneios Internacionais de Futsal na Cidade da Maia

Vão realizar-se, na Cidade da Maia, o II Torneio Internacional de Futsal para Clubes Surdos "Cidade da Maia 2011" (Masculino) e o I Torneio Internacional de Futsal para Clubes Surdos "Cidade da Maia" (Feminino), no dia 21 de Maio de 2011, organizado pela Associação de Surdos do Porto e com o apoio da LPDS.

Venham apoiar o Futsal de Surdos. Venham encher os pavilhões de alegria!!!

Mundial de Natação em Coimbra com recorde de países inscritos



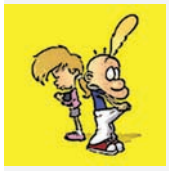
Foi com orgulho que recebemos a informação do ICSD, que Portugal bate o recorde de países inscritos num Mundial de Natação. Com 30 países dos 4 cantos do mundo, a LPDS espera demonstrar que Portugal, apesar da crise, consegue demonstrar o seu melhor e ser um excelente anfitrião.

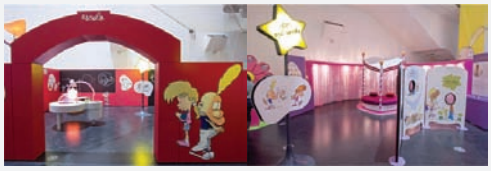
Por forma a envolver o máximo de pessoas possíveis, a LPDS abriu as inscrições para o voluntariado para o Mundial de Natação.

Saiba tudo no novo site renovado do Mundial: http://wdsc2011portugal.webnode.com/

Actividades

Paulo Garcia



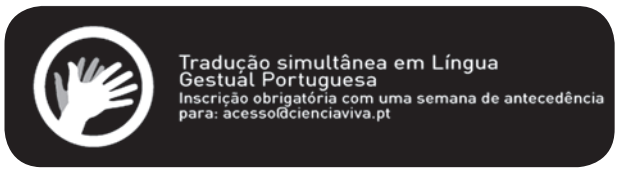


Exposição "Sexo…e então?!" até 28 de Agosto de 2011-02-22

A Exposição "Sexo…e então?!" é uma exposição sobre sexualidade e amor destinada especialmente aos pré-adolescentes, recomendada para a faixa etária dos 9 aos 14 anos, mas que, seguramente, interessará ao público em geral, em especial aos pais, professores e educadores.

Marcações de visita: acesso@cienciavia.pt

Material de apoio em: http://www.pavconhecimento.pt/escolas_grupos/mat_apoio/index.asp



Conversas "Sexo…e então?!"

Este ciclo de conversas, organizado pela Sociedade Portuguesa de Sexologia Clínica, reúne especialistas de diferentes áreas para debater temas actuais e nem sempre consensuais relacionados com a sexualidade humana.

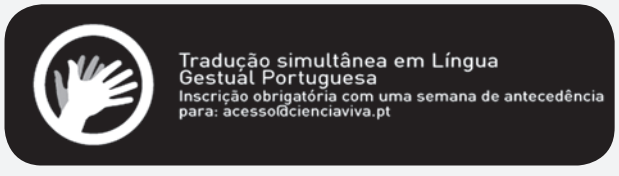
26 MAR | Família e a orientação sexual
E quando um(a) jovem não é heterossexual? Que desafios encontra dentro e fora de casa? As famílias também saem do armário?

30 ABR | O abuso sexual
Que tipos de abuso sexual existem? Quem são as vítimas? Quais os efeitos? Que papel temos todos nós?

28 MAI | Novos casais
Há diferentes rotas para o encontro amoroso? E quando o corpo é apenas uma imagem, uma ideia, uma descrição? Que desafios encontram os casais que não partilham narrativas comuns, experiências de vida semelhantes, e que por vezes falam em línguas diferentes?

18 JUN | Educação sexual
Porquê a educação sexual em meio escolar? Feita por quem, com que directrizes e formação? Que papel está reservado aos pais e professores?

23 JUL | Investigação laboratorial em sexualidade humana
O que se faz num laboratório que estuda a sexualidade humana? Que instrumentos se usam? O que podemos saber?



A Matemática das Coisas 2011

O ciclo de colóquios A Matemática das Coisas está de volta ao Pavilhão do Conhecimento – Ciência Viva. Até Junho, venha descobrir, através de palestras conjuntas de matemáticos e profissionais de outras áreas, como é que a Matemática se revela em coisas tão distintas como a pintura, a democracia ou as redes sociais.

2 de Abril – A Matemática e a Pintura
7 de Maio – A Matemática e as Redes Sociais
4 de Junho – A Matemática e as Finanças Pessoais

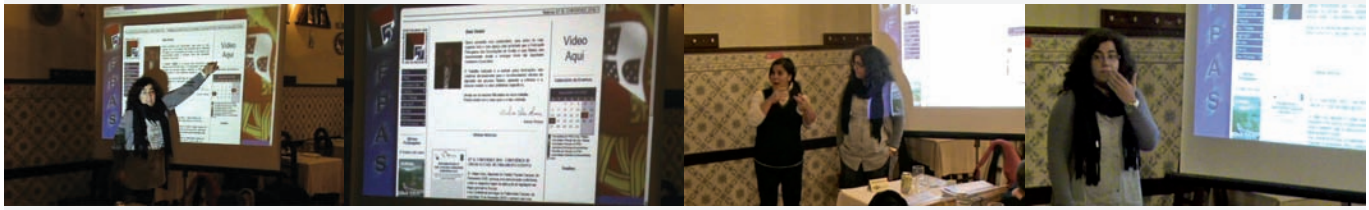
An European Non-Governmental Organisation in official liaison with European Parliament, European Commission and the Council of Europe

Assembleia Geral, Seminário e Workshops

Tal como em anos anteriores, a EUD irá realizar entre os próximos dias 26 e 29 de Maio a sua Assembleia Geral, Seminário e Workshops, que este ano terão lugar em Budapeste (Hungria). Provisoriamente, o programa deste evento é o seguinte:

26 de Maio de 2011	*Reunião de Direcção da EUD*	*09h00-13h00*
26 de Maio de 2011	*Workshops da EUD*	*15h00-18h00*
27 de Maio de 2011	*Seminário da EUD*	*09h00–18h00*
28 de Maio de 2011	*Assembleia Geral de 2011 da EUD*	*09h00–18h00*
29 de Maio de 2011	*Assembleia Geral de 2011 da EUD*	*09h00–13h00*

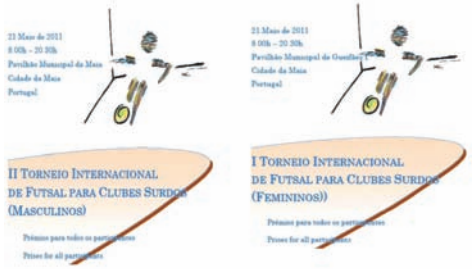
17 º Aniversário da FPAS e Apresentação do novo site (20 de Dezembro de 2010)



Associação de Surdos do Porto

II Torneio Internacional de Futsal para Clubes Surdos (Masculinos)

I Torneio Internacional de Futsal para Clubes Surdos (Femininos)



II Torneio Nacional de Fustal Veteranos Surdos' 2011

MEIAS-FINAIS

Nº	Horas	Jogo				
1	14h30	A.S.PORTO	10	vs	A.C.S.AMADORA	1
2	15h30	A.P.SURDOS	1	vs	A.S.BRAGA	7

3º e 4º

Nº	Horas	Jogo				
3	17h00	A.C.S.AMADORA	2	vs	A.P.SURDOS	3

FINAL

Nº	Horas	Jogo				
4	18h00	A.S.PORTO	3	vs	A.S.BRAGA	3

Grandes Penalidades: 5 vs 4

Classificação

1º A.S.PORTO

2º A.S.BRAGA

3º A.P.S. - LISBOA

4º A.C.S.AMADORA

DOIS TEMAS "CONFUSOS" NA CONSTRUÇÃO DE UM MUNDO MELHOR

Armando Baltazar

A confusão que acontece entre as palavras Moral e Ética existe há muitos séculos. A própria etimologia destes termos gera confusão, sendo que Ética vem do grego *"ethos"* que significa modo de ser, e Moral tem sua origem no latim que vem de *"mores"* significando costumes.

Esta confusão pode ser resolvida com o esclarecimento dos dois temas, sendo que Moral é um conjunto de normas que regulam o comportamento do homem na sociedade, e estas normas são adquiridas pela educação, pela tradição e pelo quotidiano. *Durkheim* explicava Moral como a "ciência dos costumes", sendo algo anterior à própria sociedade. A Moral tem carácter obrigatório.

http://ponteducacional.blogspot.com/

Já a palavra Ética, é definida por Motta como um *"conjunto de valores que orientam o comportamento do homem em relação aos outros homens na sociedade em que vive, garantindo, outrossim, o bem-estar social"*, ou seja, Ética é a forma como o homem deve comportar-se no seu meio social.

A Moral sempre existiu, pois todo o ser humano possui a consciência Moral que o leva a distinguir o bem do mal no contexto em que vive. Surgindo realmente quando o homem passou a fazer parte de agrupamentos, isto é, surgiu nas sociedades primitivas, nas primeiras tribos. A Ética terá surgido com *Sócrates*, pois exige um maior grau de cultura. Ela investiga e explica as normas morais, pois leva o homem a agir não só por tradição, educação ou hábito, mas principalmente por convicção e inteligência. *Vasquez* aponta que *"a Ética é teórica e reflexiva, enquanto a Moral é eminentemente prática"*. Uma completa a outra, havendo um inter-relacionamento entre ambas, pois na acção humana, o conhecer e o agir são indissociáveis.

Por exemplo, em nome de uma amizade, deve-se guardar silêncio diante do acto de um traidor? Em situações como esta, os indivíduos deparam com a necessidade de organizar o seu comportamento por normas que se julgam mais apropriadas ou mais dignas de ser cumpridas. Tais normas são aceitas como obrigatórias, e desta forma, as pessoas compreendem que têm o dever de agir desta ou daquela maneira. Porém o comportamento é o resultado de normas já estabelecidas, não sendo, então, uma decisão natural, pois todo comportamento sofrerá um julgamento. E a diferença prática entre Moral e Ética é que esta é o juiz das morais, assim Ética é uma espécie de legislação do comportamento Moral das pessoas. Mas a função fundamental é a mesma de toda a teoria: explorar, esclarecer ou investigar uma determinada realidade.

A Moral, afinal, não é somente um acto individual, pois as pessoas são, por natureza, seres sociais, assim percebe-se que a Moral também é um empreendimento social. E esses actos morais, quando realizados por livre participação da pessoa, são aceites, voluntariamente.

Pois assim determina *Vasquez* ao citar a Moral como um *"sistema de normas, princípios e valores, segundo o qual são regulamentadas as relações mútuas entre os indivíduos ou entre estes e a comunidade, de tal maneira que estas normas, dotadas de um carácter histórico e social, sejam acatadas livres e conscientemente, por uma convicção íntima, e não de uma maneira mecânica, externa ou impessoal"*.

Enfim, Ética e Moral são os maiores valores do homem livre. Ambos significam *"respeitar e venerar a vida"*. O homem, com o seu livre arbítrio, vai formando o seu meio ambiente ou destruindo-o, ele apoia a natureza e as suas criaturas ou ele subjuga tudo o que pode dominar, e assim ele torna-se no bem ou no mal deste planeta. Deste modo, Ética e a Moral formam-se numa mesma realidade.

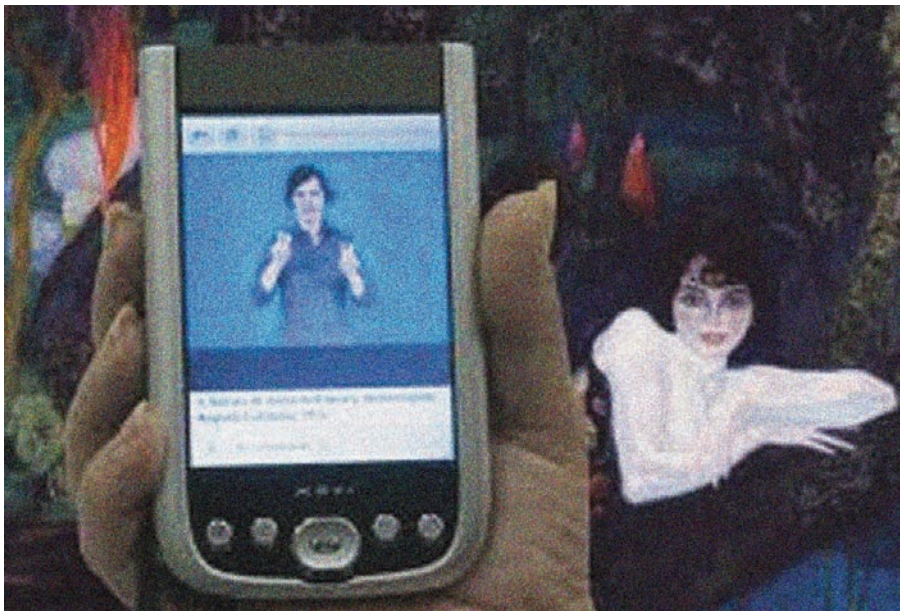
Terminando, *se TODOS respeitarem estes Valores mais facilmente se construirá um Mundo melhor para viver.* ▪

Fontes

SILVA, José Cândido da; SUNG, Jung Mo. Conversando sobre ética e sociedade. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.
CAMARGO, Marculino. Fundamentos da ética geral e profissional. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.
VASQUEZ, Adolfo Sanches. Ética. 18. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.
GUSMÃO, Paulo Dourado de. Introdução à Ciência do Direito. Rio de Janeiro: Forense, 1972.
VENOSA, Sílvio de Salvo. Introdução ao Estudo do Direito. São Paulo: Atlas, 2004.
MOTTA, Nair de Souza. Ética e vida profissional. Rio de Janeiro: Âmbito Cultural, 1984.

QUE A INCLUSÃO MUSEOLÓGICA SEJA UMA REALIDADE

Eng. David Fonseca



O século XXI nasceu sob o signo da acessibilidade. As leis são mais explícitas na imposição do direito básico à igualdade; surgem directivas que se apresentam com o título de "… para todos"; e tomam-se medidas, aqui e ali, de forma a criar condições de acesso para pessoas com deficiência. Embora os passos sejam lentos e tímidos, o movimento sente-se: fala-se no direito a iguais oportunidades, à não discriminação, à integração no mundo do trabalho; Preconiza-se a inserção social e reivindica-se o direito à educação, informação, cultura e lazer.

É neste contexto que se aborda o acesso à informação e à cultura em situação museológica e que, à luz da literatura da especialidade e à análise das práticas vigentes em Portugal, se propõem acções concretas para a criação de museus mais acessíveis, para visitantes com limitações motoras e sensoriais.

Neste artigo apresentar-se-ão os parâmetros a ter em conta quando se tem por objectivo criar condições de acesso para todos -incluindo Pessoas Surdas - partindo da análise de quatro domínios principais de acesso: divulgação, mobilidade, conforto e experiência.

Dez museus espanhóis dispõem já de meios tecnológicos para melhorar a acessibilidade física e de comunicação, como signoguías, ciclos magnéticos ou de áudio.

O signoguías são Pdas (ver respectiva foto) com informações em língua gestual e vídeos legendados e também usufruem um sistema que transforma a entrada de áudio em um microfone, quando o aparelho tem a posição de T.

Os dez museus que já têm estas medidas são o Nacional Altamira (Santillana del Mar, Cantábria), os Sefarditas (Toledo), a Agência Nacional Arqueologia Subaquática Arquà (Cartagena, Murcia), o Colégio Nacional de San Gregorio (Valladolid) e Nacional de Arte Romano (Mérida). Em Madrid, os museus que já estão adaptados Fantasia, Romântico, que da América, Sorolla e Nacional de Antropologia.

É IMPORTANTE QUE NA CULTURA SE CRIEM CONDIÇÕES E INCENTIVOS À PARTICIPAÇÃO DA PESSOA SURDA DE MODO A QUE SE POSSA SENTIR EM PLENA IGUALDADE COM OS OUTROS CIDADÃOS, PARA ISSO, PROPÕEM-SE ADAPTAÇÕES E SOLUÇÕES DIFERENCIADAS ATENDENDO À HETEROGENEIDADE DAS PESSOAS SURDAS.

Todos esses museus adaptaram os websites de acordo com as normas da Acessibilidade.

O circuito magnético é instalado no hall do Museu Nacional de Arqueologia Subaquática Arquà e ao Museu Romântico, com essa tecnologia em suas mesas. A áudio-descrição para os cegos são uma realidade no Museu Romântico e ao Museu Nacional de Arqueologia Subaquática Arquà.

A acessibilidade… precisa ser uma característica de todos os projectos, não um adesivo! ▪

SER FILHA DE SURDOS: UMA AVENTURA, UM PRIVILÉGIO

DEDICO ESTE TRABALHO AOS MEUS QUERIDOS PAIS, LÚCIA E ANTÓNIO FREIRE

Dr.ª Maria José Freire Almeida
CODA[1], ILGP e docente na ESE de Setúbal na licenciatura de Tradução e Interpretação de Língua Gestual Portuguesa

Em criança

Ser filha de pais surdos não se pode considerar como uma escolha mas, não o sendo, foi concerteza uma das circunstâncias que influenciaram o decurso da minha vida e que me ajudaram a encontrar o meu caminho. Muitas etapas se sucederam tal como na vida de qualquer criança ou adolescente, umas mais fáceis outras mais difíceis e que têm a ver com o próprio crescimento.

Ser filha de pais surdos permitiu que tivesse a oportunidade de crescer num mundo diferente do dos outros meninos à minha volta. Um mundo que muito tinha de maravilhoso e surpreendente, características que só mais tarde pude apreciar pois em criança para mim tudo era natural.

Cresci com os meus pais que me deram todo o carinho e todos os ensinamentos que os pais naturalmente proporcionam aos seus filhos. Com eles fiz a aquisição da língua gestual portuguesa ao ritmo e com a curiosidade naturais de uma criança, sem pressas nem pressões. Recordo-me de, numa ocasião, muito pequena ainda, puxar a saia da minha mãe e perguntar o que diziam ela e o meu pai, agitando o indicador em frente dos lábios, e eles explicaram-me que íamos à praia, ficando eu a pular de satisfação.

Fui crescendo e ao mesmo tempo que gestualizava com os meus pais falava oralmente com os meus familiares ouvintes, vizinhos e irmã. Não me recordo qual das duas línguas teve maior presença no meu dia a dia mas também não me apercebi que isso tivesse feito alguma diferença. Fui para a escola e tive uma escolaridade normal, sem grandes sobressaltos.

Já em pequena traduzia para os meus pais os telejornais, telenovelas e até discursos políticos. A minha irmã, Rita, pouco mais velha do que eu, já o fazia antes de mim. Fazíamo-lo com naturalidade e de bom grado e muitas vezes até nos divertíamos em família com algumas peripécias linguísticas. Por vezes criávamos gestos familiares para nos referirmos a situações ou pessoas famosas das quais, nós, ainda pequenas, não conhecíamos o gesto.

Nesta época, anos 60 e 70, não existia ainda, em Portugal, a profissão de intérprete de língua gestual e eram muitas vezes os filhos que tinham de assumir a tradução de situações por vezes difíceis e constrangedoras para uma criança, e igualmente crítica para os pais surdos, que se sentiam fragilizados nestas situações que deveriam ser eles a controlar como adultos. Recordo-me, por exemplo, que foi a minha irmã, com a idade de 14 anos, que acompanhou os meus pais e ajudou a tratar de toda a documentação para um pedido de empréstimo para compra da nossa casa, que incluía atestados médicos, contactos com bancos e outras entidades envolvidas. Nessa altura não havia alternativa para os pais surdos, quando, não tendo outro familiar adulto para os ajudar na comunicação, tinham de recorrer aos seus filhos com quem comunicavam facilmente.

Aos pais surdos de crianças ouvintes

- Ter coragem e determinação para manterem os seus filhos junto de si e educá-los, pedindo ajuda quando necessário, mas sem prescindir da sua condição de pais.

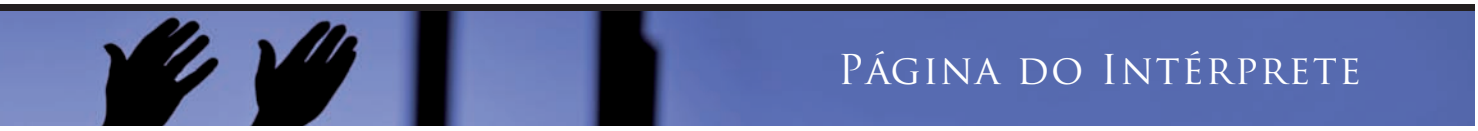
- Facilitar o acesso dos filhos ouvintes à língua falada para que também a possam desenvolver. - Não basta ouvir TV é preciso que haja interacção em situações reais com pessoas falantes.

- Este é um direito das crianças ouvintes, como é um direito para as crianças surdas terem um acesso pleno à língua gestual, a sua primeira língua.

- Não abusar dos filhos como intérpretes. Apesar de nem sempre haver intérpretes disponíveis nas associações, os pais devem recorrer sempre a intérpretes para situações formais e de grande responsabilidade. (Não faz sentido que uma criança ouvinte traduza para os seus pais surdos uma reunião com a directora de turma da sua escola, ou que seja ela a traduzir os termos de uma escritura de compra e venda de uma casa, por exemplo.)

- CODA – Esta sigla significa Children of Deaf Adults (Filhos de Adultos Surdos) e corresponde a uma organização internacional que reúne filhos de surdos, eles próprios surdos ou ouvintes, e que promove encontros de CODAS a nível mundial para convívio e para debates sobre as questões que interessam aos filhos de surdos. Tem uma expressão muito significativa nos EUA, Europa do Norte e Oceânia. Existem grupos de conversa e contacto via Internet, no qual todos os CODAS mundiais podem participar. Em Portugal não existe ainda esta organização de modo formal, mas quem quiser pode pertencer ao grupo de conversa na Internet, como é o meu caso. Muitos dos CODAS ouvintes são intérpretes de língua gestual nos seus países.[2]

- Seria muito importante que houvesse uma associação deste tipo no nosso país, ou que dentro das associações de surdos e das associações de pais de crianças surdas existisse um departamento que se ocupasse dos filhos de pais surdos, por um lado, para lhes proporcionar aconselhamento e, por outro, apoio através da criação de infraestruturas, que lhes forneçam, por exemplo, um serviço de intérpretes. O aconselhamento é necessário para sensibilizar os pais surdos para as ajudas técnicas que existem e que lhes facilitam o dia a dia, e, é ainda mais importante para elevar as suas expectativas quanto às capacidades e ao futuro dos seus filhos.



Esta situação prevaleceu durante muitos anos, mas a partir dos anos 80 começou a modificar-se lentamente quando os primeiros intérpretes começaram a ser recrutados por algumas associações de surdos para apoio aos seus associados. Na altura, não existia ainda formação de intérpretes, que começou apenas em 1989, por esse motivo, estes intérpretes eram na sua maioria filhos ouvintes de pais surdos que dominavam bem a língua gestual ou outras pessoas que por outras razões mantinham um contacto estreito com as associações de surdos e que também conheciam a língua gestual.

Na nossa família manteve-se o núcleo familiar: pai, mãe e filhas, mas penso que não terá sido assim com todas as crianças ouvintes filhas de pais surdos. Alguns pais surdos viviam muitas inseguranças pois receavam não conseguir educar bem os seus filhos e entregavam-nos aos avós ou tios. Hoje em dia já não acontece com tanta facilidade, apesar de ainda se verificar a pressão de alguns familiares. Os pais e mães surdos sentem maior confiança nas suas capacidades e não permitem que lhes sejam retirados os seus filhos. Criam-nos com toda a competência e amor e podem recorrer a algumas ajudas técnicas que lhes facilitam a vida no dia a dia, por exemplo, podem usar alarmes luminosos ou vibratórios que se acendem ou activam se o bebé estiver a chorar e que podem transportar consigo por toda a casa.

Aos pais ouvintes e surdos de crianças surdas

- Apesar dos receios e dúvidas dos pais de crianças surdas, hoje existem estudos científicos e experiências, já com muitos anos, sobre a educação de surdos que comprovam que a abordagem educativa das crianças surdas, sobretudo as surdas profundas e severas, deve ser uma abordagem bilingue e bicultural, onde a primeira língua é gestual e a segunda a língua escrita.[3]

- A criança surda necessita de um ambiente bilingue e bicultural para ter um desenvolvimento harmonioso.

- A sua primeira língua deve ser a língua gestual, para isso os pais e restantes familiares devem aprender esta língua e comunicar com a sua criança surda.

- A primeira língua, a língua gestual, não deve ser ensinada mas sim adquirida num ambiente envolvente natural, para promover o desenvolvimento linguístico e cognitivo da criança surda que lhe permitirá realizar todas as outras aprendizagens: língua portuguesa e as outras matérias escolares

- A língua dos pais, no nosso caso a língua portuguesa, será a segunda língua aprendida com recurso à leitura e à escrita. A fala é considerada complementar e não deve prejudicar as outras aprendizagens (não interessa que uma criança repita as palavras oralmente se não as souber interpretar e contextualizar).

- Para que uma criança possa fazer a aquisição natural da sua primeira língua deve estar exposta a essa língua constantemente e ter acesso a exemplos completos da língua. Se a surdez da criança impedir que ela possa ouvir frases completas então a língua oral não pode ser a sua primeira língua e sim a língua gestual, porque assim tem acesso total a ela através da visão.

- Também não se devem misturar pedaços das duas línguas, oral e gestual. Devem ser usadas separadamente e respeitando a gramática de cada uma das línguas, conforme uma investigadora sueca afirma:

"(…) ninguém esperaria que uma criança ouvinte aprendesse uma língua com alguém que mistura fragmentos de duas línguas totalmente diferentes, usando algumas palavras de uma língua em estruturas frasais pinçadas de outra língua. Então, porque deveríamos esperar que a criança surda aprendesse uma língua desse modo, quando tipos diferentes de sistemas inventados de fala e sinais[4] são utilizados? (Svartholm, 1998:40)

- O acesso à língua escrita deve ser incentivado precocemente, através da leitura de histórias às crianças, em língua gestual, mas na presença do livro e da palavra escrita, usando livros infantis com imagens coloridas de modo a ser cativante para a criança o manuseamento de livros. Também se podem utilizar mensagens escritas, para deixar recados, ou comunicar por escrito através do telefone de texto ou do computador. A criança surda começa assim, desde cedo, a compreender a utilidade da leitura e da escrita e desenvolve um interesse natural por essa forma de comunicação que será tão importante na sua vida académica e profissional.

Por outro lado, é importante que os pais surdos sejam sensibilizados para o facto de os seus filhos, independentemente de serem surdos ou ouvintes, terem todos os direitos de qualquer cidadão do seu país, ao nível da saúde, bem estar e educação. Os pais devem ser incentivados a elevarem as suas expectativas quanto ao futuro dos seus filhos e a encorajarem-nos a seguir uma carreira académica e profissional, como qualquer outra criança ou jovem pode seguir. O que acontece, por vezes, é que as pessoas surdas viveram experiências tão difíceis no seu percurso escolar e profissional que se sentem desanimados quanto aos seus filhos, mas é importante que sejam informados e apoiados no sentido de eles próprios incentivarem os seus filhos a procurar melhores condições e a saberem que a sociedade tem o dever de proporcionar a todos uma verdadeira igualdade de oportunidades.

Eu tive a sorte de viver sempre com os meus pais, e digo sorte porque esse facto deu-me dois trunfos importantes para a minha vida futura: cresci com o amor dos meus pais e tornei-me uma pessoa bilingue, com todas as vantagens que hoje se reconhecem e que a ciência aponta, nomeadamente o efeito positivo que um ambiente bilingue tem sobre o desenvolvimento cognitivo, social e pessoal de qualquer pessoa.

Assim pudesse igualmente acontecer com todas as crianças surdas filhas de pais ouvintes. O acesso precoce a um ambiente bilingue e bicultural não é só uma vantagem para as crianças surdas é imprescindível para o garante do sucesso do seu desenvolvimento global, para

Página do Intérprete

http://www.photos8.com/walls/father_and_daughter_beach_walking-other.jpg

a sua vida pessoal, académica e profissional futura.

Em criança convivi sempre nas duas comunidades, surda e ouvinte, mas recordo-me sobretudo dos momentos especiais vividos na comunidade surda, os encontros na Associação Portuguesa de Surdos, fundada em 1958, o mesmo ano do meu nascimento. Os passeios em grupo, as festas de Natal e Ano Novo, o Carnaval, os torneios de futebol e bilhar, as peças de teatro e os palhaços surdos. Estes eram momentos de convívio partilhados entre todos, onde as conversas fluíam naturalmente em gestos ou oralmente, entre surdos e ouvintes, pais, filhos e amigos. Este ambiente acolhedor e de convívio decorria alegre e naturalmente e, dele, poucos, lá fora no mundo ouvinte, se apercebiam da sua existência, alheados do que seria ser surdo, ter uma língua diferente e participar de uma comunidade rica e cheia de vida.

Alguns sucessos da comunidade surda

- Reconhecimento da LGP – Lei 1/97 de 20 de Setembro, Quarta Revisão Constitucional.

- Tradução TV e legendagem por teletexto, na sequência de um protocolo celebrado, em 1999, entre a RTP, a Associação Portuguesa de Surdos e o Secretariado Nacional de Reabilitação; em 2005 foi feito um novo protocolo entre as televisões (RTP, SIC e TVI) e o governo, que dá continuidade ao trabalho de legendagem e interpretação em LGP.

- Reconhecimento e definição das condições de acesso à profissão de intérprete de LGP – Lei 89/99 de 5 de Julho (carece ainda de regulamentação específica).

Na adolescência

Só na adolescência me comecei a aperceber das dificuldades que os meus pais e as outras pessoas surdas tinham que enfrentar na sociedade maioritariamente ouvinte. Dificuldades no acesso à educação, no acesso à formação e no acesso à informação. Questões que sempre preocuparam a comunidade surda e que têm vindo a ser debatidas nas associações de surdos. Lentamente começaram, sobretudo em anos mais recentes, a vir a ser ultrapassadas tendo-se conseguido dar alguns passos positivos com o reconhecimento da LGP em 1997.

Os primeiros anos de adolescência foram os mais difíceis. Comecei a sentir a diferença, a ser apontada como diferente por ter pais surdos, a sofrer alguma intolerância ou então a ser alvo de um paternalismo humilhante gerado pela ignorância. Então reagi mal, por vezes com revolta e vergonha, outras vezes com orgulho e determinação, contra uma sociedade retrógrada e desinformada.

Na família atravessei momentos difíceis, próprios do crescimento. Passei por momentos de incompreensão, revolta, indecisão e atribui esses maus momentos ao facto de ser filha de pais surdos, pois achava que eles não me compreendiam. Nada mais errado! Só mais tarde compreendi que a incompreensão vivida estava relacionada com a diferença de gerações, com o choque entre pais e filhos. Pois se até falávamos a mesma língua! A pouco e pouco, com algum amadurecimento, entendi este facto e atingi de novo a serenidade no convívio com os meus pais. O problema de comunicação nem sempre tem a ver com o modo como comunicamos mas com a compreensão que temos da vida e das circunstâncias.

Actualmente, a sociedade está um pouco mais informada sobre a comunidade surda e a língua gestual portuguesa, por intermédio da televisão e da presença da LGP na televisão e de alguns programas informativos, que se têm vindo a fazer. No entanto, apesar de haver mais informação ainda surgem muitas situações de desconhecimento e de intolerância que dificultam a vida das pessoas surdas. ▪

Continuação no próximo número...

[1] CODA – Sigla que significa "Filhos de Pais Surdos" (do inglês: Children of Deaf Adults)

[2] O endereço de contacto na Europa, para o qual se pode pedir a adesão é: coda_europe@yahoogroups.com, e o endereço onde se pode consultar informação é http://www.coda-international.org

[3] Consultar os autores referidos na bibliografia, entre outros: Ahlgren, Amaral, Delgado-Martins, Jokinen, Lane, Mahshie, Sim-Sim, Svartholm e Stokoe

[4] No Brasil a Língua Gestual é designada por Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS)

UMA PESSOA, UM CIDADÃO

Instituto Nacional para a Reabilitação I.P.

Quer adoptemos a perspectiva de Wilfred Trotter[1], que postula a existência de um instinto gregário inato que determina a conduta social do homem, impelindo-o para a vida em grupo quer defendamos o ponto de vista durkheimiano[2], segundo o qual existe uma consciência social exterior ao psiquismo humano que exerce uma coercitividade sobre o indivíduo, induzindo-o a associar-se a outros, a verdade é que a noção de humano só adquire verdadeiro significado quando o homem se socializa.

Ao invés do que ocorre com outros grupos animais, as sociedades humanas não se caracterizam por uma simples aglutinação gregária dos indivíduos. Elas são marcadas por um factor que as separa definitivamente daqueles – o factor do poder – que transforma as relações sociais em políticas (o homem, "animal político", segundo Aristóteles) e gera desigualdades pela criação de assimetrias na distribuição do poder pelos indivíduos que as constituem.

Por outro lado, a industrialização e a divisão do trabalho vieram aumentar ainda mais a diferenciação entre indivíduos, ampliando drasticamente as suas relações de interdependência.

Estas foram as condições determinantes para que o percurso de gradual complexificação das sociedades primitivas humanas até às modernas sociedades democráticas fosse marcado pela exigência cada vez mais premente de uma distribuição mais equitativa do poder pelos seus membros.

É no contexto da tentativa de aumento da democraticidade das actuais sociedades (que ainda não resolveram o problema das desigualdades e assimetrias, como é manifesto pelas crises que ciclicamente as assolam) que o movimento associativo ganha particular relevância. De facto, as associações, e em particular, as que promovem e defendem os direitos das minorias, pugnando pela inclusão destas na sociedade, são verdadeiras escolas de aprendizagem do exercício de direitos, meios privilegiados para a participação social dos cidadãos representados e elementos catalizadores da cidadania e da solidariedade, pelo que constituem um reforço significativo da democracia e contribuem de forma inequívoca para a construção de uma sociedade mais justa.

O Instituto Nacional para a Reabilitação, I.P., reconhecendo a importância das associações, designadamente daquelas que se movem na sua zona de intervenção – as Organizações Não Governamentais que desenvolvem actividade nas áreas da deficiência e da reabilitação – assumiu como uma das suas atribuições dinamizar a cooperação com essas organizações, assim como com outras entidades da sociedade civil que, numa perspectiva de transversalidade em que a deficiência deve ser entendida, contribuem com a sua actividade para a inclusão e dignificação das pessoas com deficiência.

Para esse efeito o INR, I.P. instituiu um programa de financiamento designado "Intervir para a Participação", que visa incentivar a participação da sociedade civil, instando-a à realização de projectos de qualidade com efectivo impacto na qualidade de vida das pessoas com deficiência e apoiar as associações que tenham como missão a defesa dos direitos fundamentais das pessoas com deficiência, que criem e reivindiquem para estas condições que lhes garantam igualdade de oportunidades relativamente aos restantes cidadãos e que façam da sua actividade um combate constante contra a discriminação de que essas pessoas são alvo.

O programa "Intervir para a Participação" subdivide-se em três subprogramas que têm como âmbito geral o apoio financeiro às ONG sem fins lucrativos que preencham as condições inscritas nas respectivas normas: *Incluir Mais*, destinado a confederações, federações e uniões, enquanto entidades de coordenação e representação das ONG com intervenção na área da deficiência, bem como a organizações de representação de pessoas com deficiência com implantação nacional, através das suas delegações ou núcleos; *Participação Específica*, dirigido a ONG que representam os direitos das pessoas com limitações funcionais resultantes de doenças crónicas e incapacitantes e que desenvolvem projectos a nível nacional e *Para Todos*, ao qual se podem candidatar as associações que desenvolvem actividades na área da deficiência, no Continente, com exclusão das misericórdias e dos organismos sob a tutela da Administração Pública Central, Regional e Local.

Anualmente, o INR, I.P. disponibiliza no seu sítio (www.inr.pt) todas as informações e documentação necessárias para as candidaturas, em cada ano, aos referidos subprogramas.

O apoio concedido ao abrigo do programa de financiamento "Intervir para a Participação" representa para o INR, I.P. não apenas o reconhecimento da importância crucial das associações como elo de ligação entre as pessoas representadas e o poder político, e, de uma forma mais lata, do associativismo enquanto elemento potenciador da intervenção dos cidadãos na sociedade e, por isso, propiciador de maior justiça social mas também e, sobretudo, um contributo deste organismo para alcançar o objectivo inscrito na Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência de "… promover, proteger e garantir o pleno e igual gozo de todos os direitos humanos e liberdades fundamentais por todas as pessoas com deficiência e promover o respeito pela sua dignidade inerente", que é, afinal, uma forma de cumprir a máxima orientadora do INR, I.P.: *Uma pessoa, um cidadão.* ▪

[1] Wilfred Trotter (1919/1953): Instincts of the Herd in peace and war, 1919

[2] Émile Durkheim (1858-1917): Da divisão do trabalho social, 1893; Regras do método sociológico, 1895

LEGISLAÇÃO
INTERNACIONAL E NACIONAL PUBLICADA ENTRE NOVEMBRO DE 2010 E JANEIRO DE 2011

Instituto Nacional para a Reabilitação I.P.

Resolução da Assembleia da República n.º 133/2010. DR 234 SÉRIE I de 2010-12-03 *(Assembleia da República)* Recomenda ao Governo o reconhecimento das demências como prioridade nacional e a criação de um Programa Nacional para as Demências

Resolução do Conselho de Ministros n.º 97/2010. DR 240 SÉRIE I de 2010-12-14 *(Presidência do Conselho de Ministros)* Aprova a Estratégia Nacional para a Deficiência 2011-2013 (ENDEF)

Portaria n.º 1276/2010. DR 242 SÉRIE I de 2010-12-16 *(Presidência do Conselho de Ministros)* Terceira alteração ao Regulamento dos Programas de Apoio Financeiro ao Associativismo Jovem, aprovado pela Portaria n.º 1230/2006, de 15 de Novembro

Portaria n.º 1297/2010. DR 245 SÉRIE I de 2010-12-21 *(Presidência do Conselho de Ministros e Ministério das Finanças e da Administração Pública)* Aprova as normas e as especificações técnicas necessárias à gestão e ao funcionamento da base de dados da publicidade institucional do Estado e outras entidades públicas

Resolução do Conselho de Ministros n.º 101-A/2010. DR 249 SÉRIE I, 1º SUPLEMENTO de 2010-12-27 *(Presidência do Conselho de Ministros)* Concretiza medidas de consolidação orçamental previstas na lei do Orçamento do Estado para 2011 e no Programa de Estabilidade e Crescimento e implementa um sistema especial de controlo trimestral da despesa pública para o ano de 2011

Resolução do Conselho de Ministros n.º 101-B/2010. DR 249 SÉRIE I, 1º SUPLEMENTO de 2010-12-27 *(Presidência do Conselho de Ministros)* Aprova a Iniciativa para a Competitividade e o Emprego

Decreto-Lei n.º 137/2010. DR 250 SÉRIE I de 2010-12-28 *(Ministério das Finanças e da Administração Pública)* Aprova um conjunto de medidas adicionais de redução de despesa com vista à consolidação orçamental prevista no Programa de Estabilidade e Crescimento (PEC) para 2010-2013

Lei n.º 55-A/2010. DR 253 SÉRIE I, 1º SUPLEMENTO de 2010-12-31 *(Assembleia da República)* Orçamento do Estado para 2011

Despacho n.º 433/2011. DR 5 SÉRIE II de 2011-01-07 *(Ministério do Trabalho e da Solidariedade Social - Gabinete do Secretário de Estado da Segurança Social)* Actualização do valor da comparticipação e subsídio a atribuir às amas e famílias de acolhimento de crianças, pessoas idosas e pessoas com deficiência

Resolução do Conselho de Ministros n.º 2/2011. DR 8 SÉRIE I de 2011-01-12 *(Presidência do Conselho de Ministros)* Lança o Programa de Eficiência Energética na Administração Pública - ECO.AP, de forma a alcançar um aumento da eficiência energética de 20 % até 2020

Resolução do Conselho de Ministros n.º 5/2011. DR 12 SÉRIE I de 2011-01-18 *(Presidência do Conselho de Ministros)* Aprova o IV Plano Nacional para a Igualdade - Género, Cidadania e não Discriminação, 2011-2013

Portaria n.º 42/2011. DR 13 SÉRIE I de 2011-01-19 *(Ministério do Trabalho e da Solidariedade Social)* Cria e regulamenta o Programa de Apoio à Economia Social (SOCIAL INVESTE)

Resolução do Conselho de Ministros n.º 8/2011. DR 17 SÉRIE I de 2011-01-25 *(Presidência do Conselho de Ministros)* Determina a aplicação do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa no sistema educativo no ano lectivo de 2011-2012 e, a partir de 1 de Janeiro de 2012, ao Governo e a todos os serviços, organismos e entidades na dependência do Governo, bem como à publicação do Diário da República

Decreto-Lei n.º 17/2011. DR 19 SÉRIE I de 2011-01-27 *(Ministério das Obras Públicas, Transportes e Comunicações)* Simplifica, no âmbito do Programa SIMPLEX, o modo de acesso e emissão do cartão de estacionamento para pessoas com mobilidade condicionada, alterando pela primeira vez o Decreto-Lei n.º 307/2003, de 10 de Dezembro

Portaria n.º 58/2011. DR 20 SÉRIE I de 2011-01-28 *(Ministério do Trabalho e da Solidariedade Social)* Primeira alteração à Portaria n.º 985/2009, de 4 de Setembro, que aprova a criação do Programa de Apoio ao Empreendimento e à Criação do Próprio Emprego (PAECPE), a promover e executar pelo Instituto do Emprego e Formação Profissional, I. P., e regula os apoios a conceder no seu âmbito.

http://www.northamericanimmigrationlawgroup.com/images/law_library_image.jpg

Passatempos

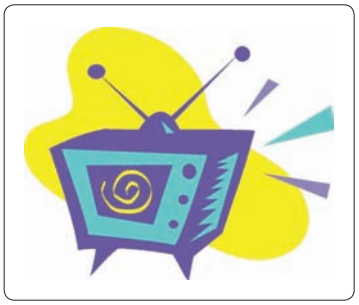
Hélder Chavinha

Café

Havia um homem que era conhecido por responder aceitadamente a todas as perguntas que lhe faziam. Num certo dia, ele foi beber café ao sítio do costume ao que o empregado de balcão lhe perguntou:
- Diga-me lá porque razão o deputado do PS mexe o café da direita para a esquerda e o deputado do PCP mexe o café da esquerda para a direita?
O homem pensou e voltou a pensar, mas e pela primeira vez não tinha resposta para dar… Nisto, e vendo que o homem já estava aborrecido por não encontrar resposta, diz o empregado:
Ó senhor, fazem-no dessa forma para misturar o açúcar!

A Publicidade

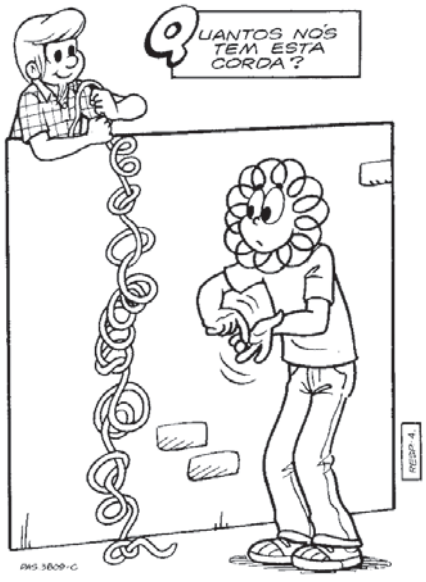
Estava um homem em casa a ver televisão. De repente apresentam uma publicidade interessantíssima: uma promoção louca! É possível comprar ou trocar de um leitor de DVD na loja de electrodomésticos, a um preço nunca visto! Nisto, o homem dirige-se à loja e pergunta ao funcionário se a promoção da troca de um electrodoméstico por um leitor de DVD sempre é válida, ao que o empregado responde afirmativamente. O homem insitindo pergunta se pode levar qualquer electrodoméstico para trocar pelo leitor de DVD, e mais uma vez a resposta é positiva. Todo satisfeito vai para casa e pega num electrodómestico e vai até à loja, faz a sua troca e contente da vida volta para casa. Instala o DVD e agarra no comando da televisão, mas… quando se apercebe vê que levou a televisão para a troca…

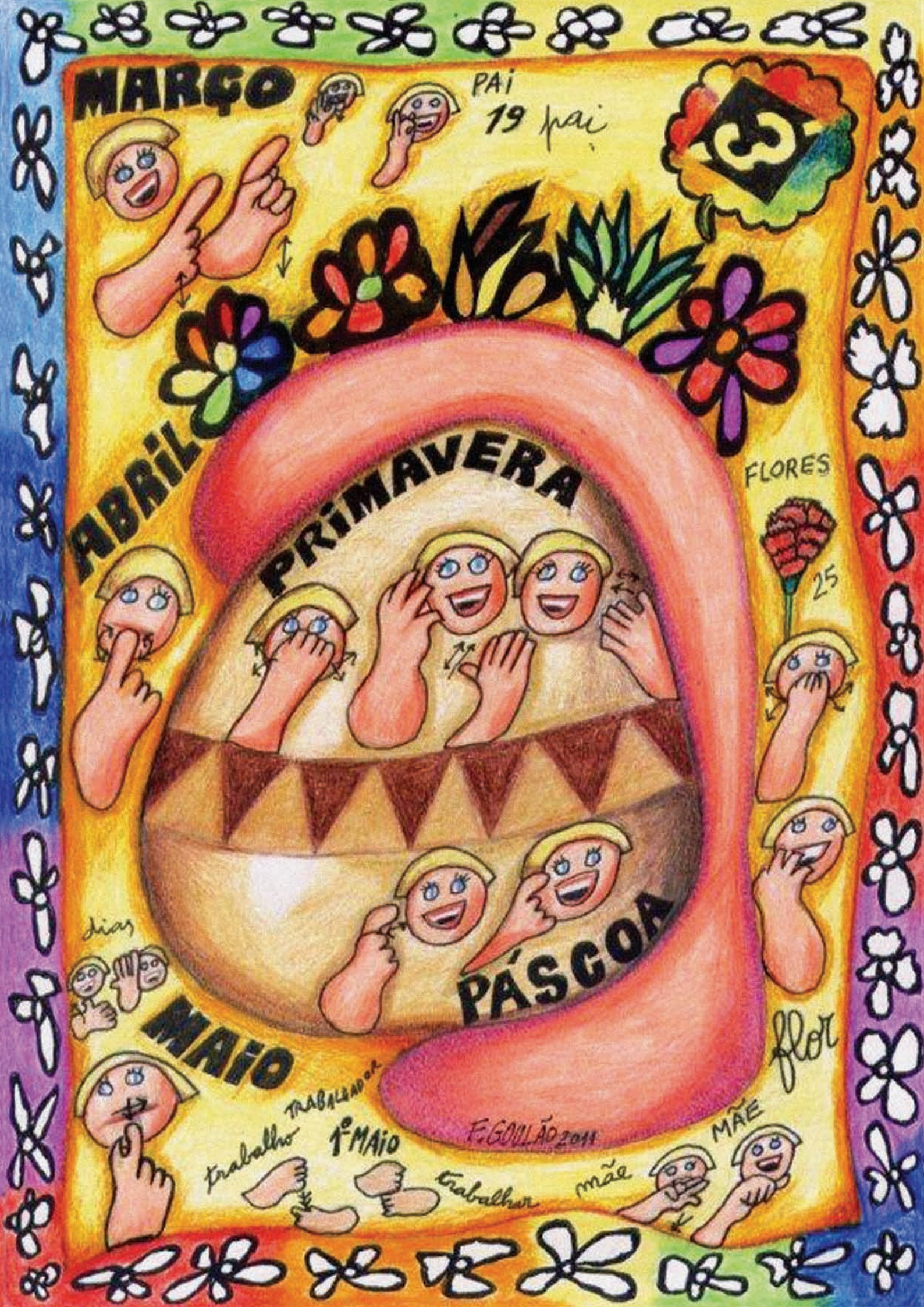


O Bêbado

Era noite escura quando um bebêdo se dirigiu para o seu carro. No meio do seu cambalear procurava o seu carro, que tinha a certeza estava naquela rua. Observando com atenção os carros estancionados, lá encontrou o seu. Abriu o carro e sentou-se. Com o calor que sentia, decidiu abrir o vidro, quando repara que lhe tinham roubado o rádio. Põe-se aos gritos a reclamar com aquela situação. Nisto, o polícia que havia estado ali a noite toda a fazer a ronda, ouve os gritos desesperados do homem e dirige-se para o local. Quando lá chega informa o condutor que o que diz é totalmente falso, pois havia estado toda a noite naquela rua e nada tinha sido roubado. Ao que o bebêdo responde: - Então, onde está o meu rádio? O polícia responde-lhe muito calmamente: - No sítio dele, então não vê que está sentado no banco de trás?!

Encontra as doze diferenças nestes quadros.




MARÇO
PAI
19 pai
ABRIL
PRIMAVERA
FLORES
25
dias
PÁSCOA
MAIO
flor
TRABALHADOR
trabalho
1º MAIO
trabalhar
mãe
MÃE
F.GOULÃO 2011